

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Gabriela Golembiewski Passuelo

**(Re) lembrar e (re) significar: Memórias de professoras
sobre a temática indígena**

Porto Alegre
1. Semestre
2012

Gabriela Golembiewski Passuelo

(Re) lembrar e (re) significar: Memórias de professoras sobre a temática indígena

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: *Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi*

Porto Alegre
1. Semestre
2012

*“Somos aquilo que recordamos...
e também somos o que resolvemos esquecer.”*

Iván Izquierdo, 2002

*“Somos iguais e diferentes.
Diferentes na língua, jeito e costume.
Iguais no corpo, na inteligência, no respeito.”*

RCNEI, 1996

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer...

... à minha mãe Glaci e ao meu pai Claudio que sempre me deram apoio e carinho. Amo vocês!!

... às minhas irmãs Grace e Lisiane que eu tanto amo. Obrigada pelos momentos de alegria, diálogo e apoio;

... à minha avó Luiza que esteve ao meu lado durante, praticamente, toda essa trajetória. Obrigada por tudo!!

... às minhas queridas amigas que compartilharam comigo momentos de angústias, indagações e felicidades;

... à minha orientadora Maria Aparecida Bergamaschi que me guiou a temática indígena desde o princípio. Cida obrigada por todos os momentos de compartilhamentos, emoções, alegrias...

... às professoras entrevistadas. Obrigada pela disponibilidade e confiança.

... a todos aqueles que me incentivaram a profissão docente e acreditaram em mim. Obrigada!!

RESUMO

Considerando a relevância de ressignificar as atuais práticas pedagógicas sobre a temática indígena para avançar no caminho de uma educação intercultural, o presente trabalho tem como problema de pesquisa: De que forma a temática indígena se manifesta nas trajetórias de vida e nas memórias docentes e quais as implicações nas práticas pedagógicas? Os principais objetivos deste estudo são: investigar como a temática indígena aparece nas lembranças das professoras e verificar como esse tema se articula nas práticas docentes. Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, cujos dados foram produzidos através de entrevistas-diálogos com questões semi-estruturadas, posteriormente, organizados e analisados em categorias que surgiram nas falas das entrevistadas - quatro professoras que atuam em uma escola da rede pública de Porto Alegre/ RS. Para aprofundar a análise, ancorei-me nos estudos de Maria Aparecida Bergamaschi, Gersem Baniwa, Ecléa Bosi, dentre outros. Foi possível constatar nas categorias de análises - Entre penas e ocas: o Dia do Índio; ausências e invisibilidades; ressignificação das práticas: o PIBID na escola; espaços da vida compartilhados com os indígenas; lembranças: imagens evocadas a partir da temática indígena - que as professoras tiveram em sua trajetória de escolarização atividades descontextualizadas, sendo retratado o indígena de forma estereotipada e sua formação acadêmica não incluiu disciplinas que abordassem a diversidade indígena, porém, constatei que estão ressignificando suas práticas a partir da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Hoje, já constituem memórias que consideram os povos ameríndios inseridos na sociedade contemporânea e que tem suas singularidades.

Palavras-chave: **História e cultura indígena na escola. Memórias de docentes. Educação intercultural.**

PASSUELO, Gabriela Golembiewski. **(Re) lembrar e (re) significar: Memórias de professoras sobre a temática indígena.** Porto Alegre, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 Minhas memórias: Trajetórias que me trouxeram aqui	07
2 Caminhos metodológicos	16
2.1 Conhecendo as professoras entrevistadas	20
3 ANALISANDO AS FALAS DOCENTES	22
3.1 Entre penas e ocas: o Dia do Índio	22
3.2 Ausências e invisibilidades	25
3.3 Ressignificação das práticas: o PIBID na escola	29
3.4 Espaços da vida compartilhados com os indígenas	31
3.5 Lembranças: imagens evocadas a partir da temática indígena	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	40
APÊNDICE A - Roteiro utilizado nas entrevistas-diálogos	40
ANEXOS	41
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	41
ANEXO B - Lei 11.645/2008	43

INTRODUÇÃO

Considerando a relevância de ressignificar as atuais práticas pedagógicas sobre a temática indígena para avançar no caminho de uma educação intercultural, que o presente trabalho tem como problema de pesquisa: *De que forma a temática indígena se manifesta nas trajetórias de vida e nas memórias docentes e quais as implicações nas práticas pedagógicas?*

Objetivos gerais:

- Investigar como a temática indígena aparece nas lembranças das professoras;
- Verificar como a temática indígena se articula nas práticas docentes.

Objetivos específicos:

- Averiguar se as professoras receberam algum tipo de formação, bem como os contatos que tiveram a respeito da temática indígena, na sua trajetória de formação inicial e/ou continuada;
- Verificar se as professoras trabalham com a temática indígena e como realizam estas práticas;
- Analisar como se relacionam as práticas desenvolvidas das professoras com as aprendizagens que constituem as lembranças sobre a temática indígena.

No primeiro capítulo: *Minhas memórias: trajetórias que me trouxeram aqui*, evoco as minhas memórias, (re) lembrando e (re) significando os momentos pelos quais passei e que foram significativos para mim em relação ao meu encontro com a temática indígena.

No segundo capítulo: *Caminhos metodológicos*, evidencio como foi feita a pesquisa, as escolhas que fiz e as etapas de cada um dos processos que realizei.

No terceiro capítulo: *Analisando as falas docentes*, discuto sobre as cinco categorias de análise que emergiram das entrevistas-diálogos: entre penas e ocas: o Dia do Índio; ausências e invisibilidades; ressignificação das práticas: o PIBID na escola; espaços da vida compartilhados com os indígenas e lembranças: imagens evocadas a partir da temática indígena.

E por fim, nas *Considerações finais*, exponho alguns questionamentos referentes à temática indígena e a minha aposta na educação intercultural.

1 Minhas memórias: Trajetórias que me trouxeram aqui

A memória, entre lembranças e esquecimentos, é o “fio” que localiza a existência individual e coletiva no labirinto do tempo, que faz o elo entre gerações, que dá sentido à ancestralidade e aos pertencimentos de cada pessoa e cada grupo no seu tempo e espaço.¹

Algumas lembranças mais nítidas, outras submersas e algumas esquecidas... Desta forma, que percebo minhas memórias. Não é tão simples (re)lembrar aquilo que já passamos. Faço um exercício agora de evocar memórias e registrar aqui algumas lembranças para que entendamos juntos os motivos que me trouxeram até aqui.

Há alguns anos atrás entrei no jardim de infância em uma escola pública de Porto Alegre/RS: lembro-me da sala de aula, de alguns colegas, da professora, da pracinha, do avental azul com branco em que minha mãe bordou o meu nome e da almofada redonda de lã colorida que levei no início do ano para sentar nas rodinhas.

Em relação às séries² do Ensino Fundamental lembro-me das classes enfileiradas, do alfabeto pendurado no quadro (se não me engano na letra i tinha a imagem de um indígena com arco e flecha na mão e penas na cabeça), das cópias do quadro, enfim uma porção de coisas que de natural, neutro, ingênuo, nada havia.

Fico me perguntando: será que nesse tempo que fiquei na escola colocaram uma pena em minha cabeça no Dia do Índio³? Ou me deram o indiozinho seminu para eu pintar? Realmente, são perguntas difíceis de responder, pois estas respostas estão no meu esquecimento, às vezes parece que me lembro de ter pintado o desenho do índio, às vezes parece que é uma falsa memória... Será que passei por isso ou não? Será que estou enganada? Será que de tão envolvida com a temática indígena hoje, minha memória produz lembranças de algo que não vivi?

Ao mexer em alguns livros didáticos que minha tia, também professora, me deu, notei que a capa de um dos livros me era conhecida. Ao olhar novamente, me dei conta de que aquele livro de Estudos Sociais do ano de 1996 foi o que usei na

¹ (ALMEIDA;BERGAMASCHI, 2012, p. 8)

² Atualmente chamadas de Anos do Ensino Fundamental.

³ O Dia do Índio foi instituído no Brasil em 1943, atendendo a deliberação do I Congresso Indigenista Internacional, realizado na cidade de Petzcuaro, México, no ano de 1940. Para tanto, ficou definido o dia 19 de Abril como o “Dia do Índio”. (BERGAMASCHI;PETERSEN;SANTOS, 2008)

minha 3ª série. Logo folhei para ver o que tinha a respeito dos indígenas, e me deparei com algumas folhas arrancadas no capítulo: *Descobrimto do Brasil*. Um pouco desanimada percebi que ainda restava uma folha, então atenciosamente eu li, e nesse momento vi que a maioria dos verbos estava no passado, por exemplo, cantavam, dançavam, fabricavam, plantavam, etc. Procurei se tinha mais algum capítulo que se referisse aos indígenas e encontrei nas datas comemorativas e no capítulo que falava sobre o povo brasileiro.

Achei interessante que mostra que quando o Brasil foi descoberto já era habitado por índios, mas também fico pensando na contradição que é essa afirmação, pois subentende-se que não foram os indígenas que descobriram o Brasil, que eles só foram os habitantes, não os considerando como povoadores. Parece-me que estão colocando o indígena em uma posição inferior, com uma ideia de que “os descobridores foram os portugueses e os indígenas foram só os que estavam ali no momento do descobrimento”. É irônico, como afirmar que algo foi descoberto por alguém se já havia pessoas no lugar?

Esse livro foi um evocador da minha memória, pois ao olhar a capa, ele me remeteu ao livro que levava para a escola e que foi usado por mim há muitos anos. Com ele pude observar algumas ideias de indígenas que me foram ensinadas na 3ª série do Ensino Fundamental.

Até a pouco tempo atrás não me lembrava de que quando fui estagiária em uma escola privada de Porto Alegre/RS, a coordenadora pediu - para a professora que trabalhava comigo e para mim - que fizéssemos algo com a nossa turma no Dia do Índio, para não passar em branco. Lembro que confeccionamos com os alunos do maternal 1, crianças de três anos, colares feitos de canudinhos. Fizemos os adereços e as crianças levaram para a casa, no entanto, a temática não foi problematizada. Lembro-me das palavras da professora dizendo: *os índios vivem na mata*. Quando ela disse isso fiquei um pouco intrigada, silencieei, e não pensei mais sobre esse assunto. Confesso que até me envergonho dessa passagem da minha vida, mas de certa forma, é importante para eu perceber que até aquele momento eu desconhecia o tema, que estamos em constante aprendizado e que mudamos nossos posicionamentos.

Em 2010, quando cursava o quinto semestre de Licenciatura em Pedagogia, me matriculei na disciplina: *História da Educação no Brasil I* com a professora Maria Aparecida Bergamaschi. Nesta disciplina, fiz algumas leituras fundamentais acerca da história da educação e das escolas indígenas, temática que começou a mexer comigo.

Considero que o contato mais profundo que tive com a história e cultura dos povos ameríndios foi através da participação do PIBID⁴ – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, pois até então não conhecia sequer a Lei 11.645/2008⁵.

O PIBID Pedagogia, desenvolvido na UFRGS desde maio de 2010, foi organizado em quatro eixos: o processo de inclusão na escola contemporânea, a diversidade como foco de ações pedagógicas (principalmente considerando a história e a cultura indígena), a alfabetização e a formação de professores pesquisadores de sua ação docente. No momento que ingressei no programa estava sendo tratado principalmente o eixo da diversidade, com atenção especial à história e cultura dos povos indígenas e a elaboração de propostas para o estudo da temática nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Na entrevista de seleção da bolsa, deparei-me com a indagação: Vocês sabem algo a respeito da temática indígena? Naquele momento, sem entender muito bem o porquê da pergunta, percebi que somente sabia que alguns indígenas vendem seu artesanato no centro de Porto Alegre.

Ao ser selecionada para fazer parte do grupo PIBID, no ano de 2010, fiquei muito contente, mas sabia que deveria estudar sobre a temática e compreender a Lei 11.645/2008, pois este estudo seria a base das práticas que realizaríamos na escola.

Nesse período, além da temática indígena, iniciamos um estudo acerca da memória e noções do tempo histórico, pois na escola em que atuávamos estávamos desenvolvendo um projeto intitulado: *Conhecendo e construindo nossas histórias*. Foi um momento de muito aprendizado.

⁴ Um programa financiado pelas CAPES que busca aproximar a Universidade das escolas públicas, qualificando as práticas pedagógicas lá existentes e incidindo na formação das futuras professoras.

⁵ Lei Federal que criou a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio. A cópia da Lei consta nos anexos e no decorrer do trabalho retomo e discuto o conteúdo desta lei.

No final de 2010 fui transferida, com o grupo de bolsistas, para outra escola na qual o PIBID estava inserido e lá continuei a iniciação à docência, dando aula para alunos do Ensino Fundamental. Nessa instituição, desenvolvemos o projeto sobre a temática indígena, iniciando com uma pesquisa sobre as concepções dos alunos, a partir disso compreendi o quanto era importante trabalhar com a questão indígena na sala de aula. Desta forma, motivei-me ainda mais a aprofundar meus estudos sobre essa temática.

Através das atividades propostas, percebi o quanto os alunos tinham ideias estereotipadas em relação aos ameríndios. Seus desenhos expressavam os indígenas de tanga, com penas na cabeça, de pés descalços, e seus escritos também mostravam uma ideia distorcida como se os indígenas não existissem mais, ou que moravam somente na Amazônia. Ficava me perguntando: por que as crianças, desde muito pequenas, têm essas concepções?

Durante as tarde do PIBID tive formações através de leituras, conversas, palestras e também saídas de campo. Essas oportunidades foram fundamentais para eu ter um aprofundamento a respeito do tema. Afinal, como trabalhar a história e a cultura indígena sendo desconhecedoras do assunto?

As saídas de campo nas aldeias Guarani e Kaingang foram muito significativas, pois parecia que tudo que eu havia estudado até então por meio da fundamentação teórica fazia mais sentido, afinal é importante ouvir os próprios indígenas e conviver em suas terras para compreender seus modos de vida.

Lembro que estava quente no dia em que fui, com o grupo de bolsistas, visitar a comunidade Kaingang. Eu estava ansiosa para chegar ao Morro do Osso e conhecê-los. Quando chegamos fui recebida com muito carinho. Era um dia de festa, tinha uma mesa farta com muito peixe e ervas com as quais fizeram um tipo de ritual como se estivessem benzendo-as. Estavam presentes estudantes, jornalistas, pessoas da comunidade e nós do PIBID. Fiquei atenta às crianças que brincavam sozinhas, lembro de que estavam comendo laranja, com as mãos cobertas de barro. No primeiro momento fiquei um pouco chocada, mas logo pensei que para a sociedade não indígena a prática higienista é tão forte que esse tipo de ação é visto como falta de higiene, ligado a sujeira. Aí me pareceu que o contato com a terra tinha mais importância que o cuidado com a limpeza das mãos.

As crianças da aldeia e algumas que estavam visitando, também indígenas, nos convidaram a caminhar até o Pé de Deus⁶, nós aceitamos e fomos com elas. A caminhada foi longa, mas foi um momento de muita contemplação, pois além de estar sendo guiada pelas próprias crianças indígenas e em contato com a natureza, estava em um local de Porto Alegre que não conhecia até então. Foi muito lindo ver Porto Alegre daquele ângulo. Mas quem disse que conseguimos subir na pedra que tem o Pé de Deus? Pois é, não foi desta vez, nem as gurias que me acompanhavam nem eu conseguimos subir, somente as crianças indígenas subiram e tiraram fotos para gente lá de cima.

Continuamos a caminhada para irmos até a cachoeira que as crianças nos falaram. Quando lá chegamos, percebemos que havia somente uma fonte corrente de água e como estávamos com muita sede bebemos dessa água: não tinha gosto, mas não era transparente. Voltamos até a aldeia e depois logo fomos embora, mas as memórias e as sensações daquele dia estão presentes em mim até hoje e acredito que ficarão por muito tempo.

Para irmos visitar a comunidade Guarani, no Cantagalo, lembro que nos organizamos bastante. A professora Cida⁷ se comunicou com o Cacique para combinarem o dia e horário; pensamos na quantidade de comida que íamos levar, na possibilidade do PIBID patrocinar a comida, na locação do ônibus, enfim, nos preparamos para a tal visita. Foi no dia 14 de janeiro de 2011 que tive o contato com a comunidade Guarani no Cantagalo e por tudo o que vivi, posso constatar que foi um dia muito especial.

Logo que chegamos, me senti acolhida tanto pelo cacique como pelas crianças, que nos ajudaram, com um olhar de muito obrigada, a descarregar a comida que estava no micro-ônibus. Logo, algumas Guarani pegaram seus artesanatos e colocaram à exposição para comprarmos. (Caderno de registros, 2011)

Por sugestão da professora Cida registrei aquilo que havia feito/percebido/sentido na visita à aldeia. Lendo essas anotações, percebo o quanto é importante registrarmos as nossas vivências, pois a nossa memória não é capaz de armazenar todos os detalhes. Agora posso ler e rememorar a visita à

⁶ Pedra grande com uma ruptura que conforma um desenho como se fosse um pé. A lenda diz que qualquer um pode colocar o seu pé ali que a pedra molda de acordo com o tamanho do pé.

⁷ Apelido carinhoso da prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi.

comunidade Guarani, posso dar significado e sentido a algumas coisas que naquele momento não dei, posso (re) significar a minha escrita e ter outra percepção daquilo que já foi vivido, pois agora tenho outro olhar e estou em outra fase da vida de um ano atrás, por mais incrível que pareça eu já me modifiquei.

A caminhada que fizemos pela aldeia me fez entender alguns elementos da cultura ali presentes, por exemplo: o fogo que significa felicidade. Pareceu-me que todos os dias eles queimam gravetos secos, fazendo uma pequena fogueira, pois quanto mais fogo mais felicidade. E também a importância que dão para a natureza/terra, pois esta é a maior riqueza que eles têm. O ronco do bugio também estava presente, assim como as galinhas com seus pintinhos e a plantação de milho. (Caderno de registros, 2011)

Quando fizeram a apresentação da música para nosso grupo, percebi que uma das meninas que cantou estava com um lenço na cabeça, mas não problematizei o porquê do lenço. Quando voltei para casa, li novamente partes dos livros para lembrar daquilo que já havia estudado sobre a cultura Guarani e, me deparei com o seguinte trecho: “as atitudes diante das mudanças físicas das meninas adolescentes são visíveis, pois por ocasião da primeira menstruação elas têm o cabelo cortado e por várias semanas se apresentam com um lenço na cabeça” (BERGAMASCHI; MENEZES, 2009, p. 103). (Caderno de registros, 2011)

Refletindo hoje, sinto que poderia ter aproveitado mais a visita, pois percebo que nas minhas anotações não mencionei a conversa que o Cacique da aldeia fez conosco no meio da mata. Lembro que eu não consegui me concentrar, acho que devido à presença das crianças que foram com a gente. Esse também é um aprendizado que podemos levar em consideração – a presença das crianças nos afazeres dos indígenas não os “atrapalham”- o que é diferente da nossa cultura, onde os lugares de adultos e crianças são bem definidos. Naquele momento me parece que a minha atenção estava mais voltada para as crianças do que para a fala do Cacique, mas também não lembro bem os motivos pelos quais eu não tenha me inserido na conversa.

Para aprofundar ainda mais os conhecimentos sobre a temática indígena, no primeiro semestre do ano de 2011, decidi fazer a disciplina eletiva *Povos Indígenas Educação e Escola*, ministrada pela prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi. Gostei muito de ter sido uma das alunas pioneiras nesta disciplina, aprendi um pouco mais

sobre a história e a cultura indígena e também visitei, juntamente com o grupo de colegas, uma aldeia Charrua no dia 21 de Maio de 2011.

Depois de ter visitado as aldeias Kaingang e Guarani estava ansiosa para conhecer o povo Charrua. Chegando à aldeia percebi a pouca movimentação, mas logo em seguida a Cacica Aquabe e sua filha nos cumprimentam e começaram uma longa conversa. Durante a conversa a pintura com Urucum me encantou, pois nunca tinha visto aquela semente, de início pensei que fosse bicho cabeludo e também confesso que fiquei com receio de me pintar. Mas, quando percebi que ia perder aquela oportunidade tão preciosa entrei na brincadeira, e por fim ficou estampada em meu rosto a marca da felicidade. Depois desse momento estava pronta para novas aprendizagens. (Caderno de registros, 2011)

Depois caminhamos na mata, tinha momentos em que era mata fechada, tínhamos que nos driblar para não bater com a cabeça nos galhos das árvores e para não escorregar na lama do chão, assim como tirar as teias de aranha do meio do caminho. Por fim, compartilhamos com eles o lanche que trouxemos e também entregamos as roupas que tínhamos levado, a professora também levou uma televisão. (Caderno de registros, 2011)

Como é bom poder (re) lembrar os momentos que passei junto à comunidade Charrua, um povo que para muitos nem existe mais. Lembro que a Aquabe disse que pensou que poderíamos os espiar, mas que ela estava vendo que um espírito bom estava com a gente. Quando servimos o lanche, ela ficou muito agradecida, disse que não sabia que a tal confraternização seria desta forma, com tanta comida.

No PIBID também estudei sobre a minha ancestralidade e, com isso, descobri que minha tataravó por parte de mãe era de origem indígena. Lembro que quando era pequena vi sua fotografia e fiquei impressionada com os brincos de madeira que ela estava usando. Como na história de Bisa Bia Bisa Bel (MACHADO, 1990, p.7) “dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos”. Na minha casa era muito parecido e, com certeza, foi algum daqueles dias que a minha mãe estava limpando a casa que eu tive acesso a essa foto. Agora essa minha tataravó mora dentro de mim, faz parte da minha “trança de gente.” (MACHADO, 1990, p. 56)

Adoro olhar fotografias antigas e recentes, sinto falta daquela caixa de fotos que tínhamos em casa, lembro que pedi para os meus pais levarem para Florianópolis/SC quando foram morar lá, mas agora sinto falta, quero ver novamente

aquela foto e outras tantas. Realmente a fotografia revoluciona a memória “multiplica-se democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.” (GOFF, 1996, p. 466)

Entrei em contato com meus pais e minha avó materna para procurarem a fotografia da minha tataravó, porque eu queria ver novamente e poder me certificar em relação à imagem que vem na minha memória. Estou até com dúvidas se ela estava mesmo usando brincos de madeira. Infelizmente ninguém achou a foto, onde será que ela está?

Com o estudo da minha ancestralidade descobri que tenho origem polonesa, italiana e indígena, penso agora nas palavras de Freyre (2000), no livro *Casa Grande & Senzala* que afirma que “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.” (p. 283) E eu, com muito orgulho, faço parte desse belo povo formado por diversas etnias.

Logo após pesquisarmos sobre as nossas origens, iniciamos um processo de reflexão e estudo acerca das nossas trajetórias de vida, pensando em como chegamos à profissão docente e como a experiência de docência compartilhada proporcionada pelo PIBID Pedagogia nos marcou. Foi um período de muita escrita e reescrita, de leituras, de compartilhamentos. Concomitante a isso, cada integrante do PIBID escrevia seu memorial; a compilação destes deu origem ao livro *Memórias que contam histórias*⁸.

Essa experiência foi fundamental em minha formação pessoal e profissional. Agora sei o quanto a minha história de vida é importante, pois mostra a minha individualidade como pessoa, mas também a pluralidade de tudo aquilo que me compõe e desta forma a minha ancestralidade e o meu pertencimento no mundo fazem sentido, como menciona a epígrafe que abre esse capítulo.

A memória é a matéria prima de nossa existência, mas não é puramente individual, pois não podemos desconsiderar o contexto vivido pelo sujeito. Por isso, ela também é coletiva (BOSI, 2003), “difundida e alimentada na convivência com os

⁸ (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012)

outros, produzida pelos discursos e pelas representações que propõem uma identidade ao grupo.” (ALMEIDA, 2007, p.37)

Outra experiência que tive no PIBID e que teve sua importância foi a viagem à UNIPAMPA⁹ em Jaguarão, para participar da XVII Jornada de Ensino de História e Educação em 2011, evento em que tive a oportunidade de apresentar o trabalho que desenvolvemos na escola sobre a temática indígena. Lembro-me de ter ficado com um pouco de receio ao ver na plateia estudantes de história e principalmente estudantes indígenas. Percebi que a responsabilidade seria grande em apresentar o trabalho. Felizmente apresentamos e recebemos muitos elogios e contribuições, o que nos deixou muito satisfeitas.

Nesses últimos tempos, quando estava elaborando meu projeto de pesquisa do TCC¹⁰, ao brincar com as crianças com alguns jogos de encaixe da sala que temos à disposição, na turma de Educação Infantil em que estou atuando, percebi que um deles tinha um desenho de índio com penas na cabeça e tanga, reproduzindo o estereótipo criticado por mim após compreender o tema com mais profundidade. Fiquei indignada e comecei a pensar que jogos como este, nada inocentes, fazem com que as crianças comecem a ter esse tipo de ideia em relação aos indígenas. Muito decidida, tirei o jogo de circulação para que mais nenhuma criança tenha acesso e venha a introjetar essa ideia distorcida dos ameríndios.

Por todas essas minhas vivências, considero importante em meu trabalho final de curso, investigar as memórias docentes e a temática indígena, buscando compreender aspectos importantes sobre a temática indígena que marcaram a trajetória destas professoras. Acredito que este tema ainda demanda muita pesquisa e problematizações para podermos avançar no caminho de uma educação intercultural.

⁹ Universidade do Pampa.

¹⁰ Trabalho de Conclusão de Curso.

2 Caminhos metodológicos

Primeiramente, pensei em realizar a pesquisa com quatro professoras que atuam no Ensino Fundamental em uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS. Sendo que duas delas seriam formadas há mais de 10 anos e as outras estariam no início de sua docência. Porém, ainda no processo de elaboração do projeto mudei esse critério, pois considero fundamental para qualquer pesquisa que envolva a participação de pessoas, a disponibilidade da mesma para, por exemplo, dar seu depoimento e participar da pesquisa. Desta forma, decidi encaminhar o convite e trabalhar com as docentes que realmente queriam participar e que resultou em quatro professoras, sendo que três delas são formadas há mais de 20 anos e uma está no início de sua docência.

Escolhi esta instituição pelo fato de ter realizado um intenso trabalho por meio do programa PIBID no final do ano de 2010 e 2011, e também por ter feito nesta escola uma mini-prática¹¹ docente. Portanto, a produção dos dados para a minha investigação ocorreu numa instituição em que tenho familiaridade, tanto com os espaços e tempos da escola, como com professoras e alunos. Também acredito que seja importante investigar contextos escolares onde as questões indígenas de alguma forma, estão sendo trabalhadas, evidenciando e afirmando as possibilidades que o tema oferece para uma prática de educação intercultural respeitosa.

A investigação foi qualitativa, através de entrevistas-diálogos¹² com roteiro¹³ de questões semi-estruturadas, realizadas com as quatro professoras em horários de trabalho, conforme a disponibilidade de cada uma. No primeiro momento, quando estava organizando as questões, pensei em criar estratégias¹⁴ durante as entrevistas-diálogos, para evocar as memórias docentes, visto que, a memória, para produzir lembranças, às vezes precisa ser estimulada. Porém, não precisei utilizar

¹¹ A mini-prática curricular do curso de Pedagogia acontece no período de duas semanas: uma de observação e outra de prática. Entre essas duas semanas há um intervalo de um mês para realização de um Projeto/Plano de Trabalho Docente. Realizei essa mini-prática em 2011 pela disciplina: EDU 02074 Seminário de Docência: Saberes e Constituição da Docência.

¹² Denominei entrevista-diálogo para conferir maior informalidade à conversa que gostaria de ter com as professoras entrevistadas, visto tratar-se das suas lembranças e das suas histórias.

¹³ Cópia do roteiro em apêndice.

¹⁴ Se houvesse necessidade pensei em mostrar para as professoras possíveis trabalhos realizados em aula no seu tempo de aluna, principalmente do Ensino Fundamental, como por exemplo: livros didáticos e “folhas mimeografadas”.

estes meios, visto que as professoras discorreram muito sobre o assunto, creio até por estarem envolvidas com o tema em função das atividades realizadas intensamente na escola durante o ano de 2011.

Inicialmente, entrei em contato com a escola explicitando o que queria pesquisar e, depois da aceitação, fui até a instituição para mostrar meu projeto, falar pessoalmente com as professoras e levar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁵ para cada uma delas. Neste encontro, conversei com a professora coordenadora pedagógica, que me ajudou no andamento da pesquisa, sobre a possibilidade de eu ir até a casa das professoras para a realização das entrevistas-diálogos, uma das minhas intenções. No entanto, ela me incentivou a fazer as entrevistas na própria escola, explicando que não haveria problemas, que poderiam se organizar, e desta forma, seria mais fácil para mim e para as professoras. Eu concordei e já fui me organizando.

A primeira entrevista-diálogo foi feita com a professora Iraci¹⁶, no dia 10 de abril de 2012, no turno da manhã, na sua própria sala de aula. Escolhi fazer com ela em primeiro lugar por conhecê-la e ter tido mais contato do que com as outras e, desta forma, iria me sentir mais segura. Também me sentiria mais a vontade se fosse necessário repetir a entrevista, visto que estava realizando tal intento pela primeira vez. Mas a entrevista-diálogo fluiu tranquilamente e me senti confiante. Ainda, no final da entrevista, teve uma cena interessante, em que uma aluna veio ver quem era a pessoa que estava entrevistando sua professora. Depois Iraci me contou que explicou para os alunos que ia fazer uma entrevista, motivo pelo qual eles iriam ficar um tempo no pátio com outra professora.

Nesta primeira entrevista fiquei surpresa, pois o tempo de duração foi curto: ao planejar esse momento eu pensava que iria demorar mais, porém não fiquei apreensiva, pois havia percebido que as minhas perguntas tinham sido respondidas e isso era o que importava para aquela situação.

A segunda entrevista-diálogo foi feita com a professora Tebereté, no dia 17 de abril de 2012, no turno da manhã, em uma sala de aula da escola. Lembro de que

¹⁵ Cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo.

¹⁶ Escolhi, para denominar cada uma das professoras nas minhas entrevistadas, um nome de origem indígena, mantendo assim o anonimato: entrevistada 1: Iraci; entrevistada 2: Tabereté; entrevistada 3: Bartira; entrevistada 4: Jandira.

saí animada, pois a professora conseguiu lembrar-se das atividades sobre a temática indígena que sua professora propunha nos seus primeiros anos de escolarização, trazendo elementos importantes para minha pesquisa.

A terceira entrevista-diálogo foi feita com a professora Bartira, no dia 24 de abril de 2012, no turno da tarde, na sala do vídeo. Nesta entrevista-diálogo, além da professora responder às perguntas estabelecidas por mim, conversamos sobre outros assuntos que não se referiam à temática indígena, mas que traziam as experiências da professora em sua atuação docente.

A quarta e última entrevista-diálogo foi realizada com a professora Jandira, no dia 25 de abril de 2012, no turno da manhã, também na sala do vídeo. Nesta entrevista percebi que a professora trouxe lembranças de sua infância, muito semelhantes às da professora Tebereté. Neste momento comecei a fazer as relações das entrevistas-diálogos e pensar nas categorias de análises que surgiam das falas já registradas.

Todas as entrevistas-diálogos foram de grande relevância para a pesquisa, pois cada professora, entre lembranças e esquecimentos, expressou suas memórias, ficando evidente que “lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI *apud* ABRAHÃO, 2003, p. 87) Elas reinterpretaram aquilo que viveram a partir das concepções que têm hoje sobre o assunto. E o fato da escola estar repensando sua prática acerca das abordagens da temática indígena, contribuiu muito para tornar a conversa com as professoras mais fluente, pois já estavam sensibilizadas e bastante inteiradas da história e cultura dos povos indígenas.

É importante ressaltar que estas foram as primeiras experiências que tive em realizar entrevista gravada, o que suscitou alguns anseios: no primeiro momento tinha a sensação de que o gravador não estava registrando, mas logo relaxava e conversava com as professoras de acordo com as perguntas que havia pré estabelecido.

Ao finalizar cada entrevista-diálogo, ficava aflita para escutar e transcrever, pois desta forma eu ficaria segura de que estava tudo gravado. Assim, fui transcrevendo conforme ia realizando as entrevistas, não esperando fazer as quatro entrevistas, pois o momento de transcrição é árduo. Precisei dedicar horas nessa

atividade, ouvindo, registrando, retornando a ouvir, lendo, revisando, por isso a vantagem de ir “fazendo aos poucos”. Ao todo foram 25 páginas de transcrições.

Algumas transcrições foram mais difíceis que as outras, pois às vezes a gente muda de voz, diminuimos o tom de voz, falamos por metáforas e às vezes ainda nem esperamos a outra pessoa terminar de falar e já falamos, por isso, nesse aspecto foram importantes as anotações que realizei no caderno de registros e as lembranças dos momentos de cada entrevista. Foi uma experiência fundamental.

Após transcrever as quatro entrevistas-diálogos, eu enviei por e-mail para cada uma das professoras, para terem o direito de ler e confirmar se podia usar/analisar as falas, se queriam complementar ou suprimir alguma afirmação. Esta espera é um momento de aflição, ficava pensando: Será que vão responder? Será que vão suprimir? Duas professoras responderam, com a concordância plena, o que me deixou mais tranquila.

Por um lado, foi bom ter feito as entrevistas-diálogos na escola, não implicando em um tempo para me deslocar até a casa das professoras. Porém, a dinâmica escolar é acelerada e tem algumas implicações, como por exemplo, barulho do recreio, interrupções, etc. Mas analisando como um todo, com certeza foi um facilitador essa forma que foi feita, visto que, temos pouco tempo para a realização desse trabalho de final de curso. E os dados que surgiram das entrevistas-diálogos mostram que foi uma escolha eficiente para dar conta do objetivo de minha investigação.

Depois de feitas as transcrições, fui pesquisar e pensar em nomes fictícios que daria às professoras. Pensei em escolher nomes de mulheres indígenas, porém tive dificuldades, pois só encontrava nomes genéricos que não diziam, por exemplo, de qual etnia/povo era. Por outro lado, lembrava de nomes muito específicos, que por serem de um determinado povo, poderiam não ser reconhecidos como indígenas. Desta forma, o único critério que tive foi escolher nomes de mulheres de origem indígena que não fossem estereotipados. Depois da busca na internet e conversando com minha orientadora, os nomes escolhidos foram: Bartira, Iraci, Jandira e Tebereté. Atribui os nomes fictícios de acordo com a proximidade alfabética do nome original.

Também utilizei o diário de reflexões, como parte da minha metodologia que me acompanhou em toda a trajetória, concluindo com 10 páginas. Nele eu anotei as minhas ideias, meus insights, indagações, questões importantes acerca dos textos lidos e os aspectos referentes às entrevistas-diálogos.

2.1 Conhecendo as professoras entrevistadas

Organizei este quadro¹⁷ metodológico que explicita um panorama geral, pois considero importante sabermos em que contextos estão as docentes e, dessa forma, conhecermos um pouco mais as professoras entrevistadas.

¹⁷ Fonte: dados da pesquisa.

Nome fictício	Idade	Formação/curso	Ano de formação	Tempo de atuação na docência	Turno (s) que trabalha	Turma que atua	Participação em formação continuada sobre temática indígena
BARTIRA	28 anos	Magistério 7º semestre de Pedagogia	2005	7 anos	Um – tarde	4º ano	Não
IRACI	48 anos	Magistério Letras	1983 2005	29 anos	Dois – manhã e tarde.	1º ano	Sim
JANDIRA	44 anos	Magistério Biologia Pedagogia	1984 2000 2010	26 anos	Dois – manhã e tarde	5º ano	Não
TEBERETÉ	44 anos	Magistério Educação especial	1985 1990	22 anos	Dois – manhã e tarde	1º ano	Sim

3 ANALISANDO AS FALAS DOCENTES

Neste momento irei evidenciar as minhas análises acerca dos dados obtidos por meio das entrevistas-diálogos realizadas com as quatro professoras: Bartira, Iraci, Jandira e Tebereté.

3.1 Entre penas e ocas: o Dia do Índio

O trabalho era limitado, era um desenho, uma pintura, uma musiquinha, naquele dia. (IRACI)

A fala da professora Iraci acima registrada me faz pensar sobre as tantas pessoas que já passaram pela escola e tiveram atividades como estas, descontextualizadas e sem significado, que desconsidera a diversidade de povos e línguas. As ideias que predominam em nossa sociedade é que os índios moram na selva e que continuam com o mesmo modo de vida de quando os Portugueses chegaram ao Brasil ou que estão aculturados¹⁸, não aceitando que as sociedades indígenas também se transformam historicamente. (BERGAMASCHI, 2010)

Dessa forma, a grande maioria das escolas, mistifica¹⁹ a figura do indígena, vestindo as crianças ou pintando-as; mostra o indígena como um ser a parte da sociedade ocidental, que vive nu e caça para se alimentar; representam o indígena com gravuras de livros dos tupinambás do século XIV; reproduzem as casas e aldeias de maneira simplificada com maquetes de ocas e normalmente essas atividades são feitas no Dia do Índio.

Quando perguntei às professoras: *O que lembramos sobre a temática indígena na sua vida escolar (Creche, Ensino Fundamental e Médio)?* Suas lembranças vieram ao encontro dessas ideias estereotipadas que mencionei. A professora Bartira se lembrou de seu período de creche e afirmou:

Eu vivi isso na creche...fazer atividades do índio, o índio usava cocar, roupinhas, pintar o desenho do índio [...].

¹⁸ A palavra aculturados hoje não é mais aceita nas ciências sociais, que compreende as mudanças como dinâmica cultural. Também penso que todas as sociedades, inclusive as indígenas, se modificam historicamente, sem, contudo perderem suas identidades tradicionais.

¹⁹ Estas ideias estão disponíveis em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/nao-fazer-dia-indio-cultura-indigena-624334.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

A professora Jandira retrata o Ensino Fundamental dizendo:

Lembro assim tipo terceira, quarta série que a gente pintava, era só aquelas folhas mimeografadas com carinha de índio pra pintar. Lembro de fazer cocar de índio, de pegar as penas de galinha, isso ai eu lembro que faziam.

Achei interessante que não foi somente a professora Jandira que cita as penas de galinha, a professora Tebereté também se lembra dessa atividade que fazia. Acredito que era uma prática das escolas da época. Ela afirmou:

A gente pegava as penas mais compridas do rabo da galinha e levava pra fazer o cocar.

Professora Tebereté explica como eram feitas as atividades e os materiais que usavam:

A gente fazia maquetes, as ocas de argila, assim, lá tinha, não é como hoje que tu vai lá na loja e tu compra a argila em saco, lá a gente tinha os colegas que moravam, daí tinha, os riachos assim, daí tinha aquela tabatingas como chamam, aquele barro, argiloso, e era daquilo que a gente fazia, então a gente fazia a oca, fazia até os indiozinhos, a gente modelava eles com argila, eu me lembro que a gente levava semente, tinha até uma casa que a gente passava próximo, passava pra ir pra escola, e ela tinha tudo, uma sementinha assim, era uma sementinha alaranjada e a gente colhia aquilo e levava daí fazia com agulha e linha sabe? Passava as sementinhas e fazia os colares e depois a gente tinha exposições dos trabalhos que a gente fazia.

Quando perguntei às professoras em que momento era trabalhado essa temática, as respostas foram:

Eu acho que era dentro... a gente estudava era os Estudos Sociais que a gente trabalhava e eu acredito que devia ser mais na época assim da semana do índio, abril ali. (Tebereté)

Perto do Dia do Índio! (Jandira)

A professora Iraci não lembra sobre a temática indígena na sua vida escolar, visto que a memória também é esquecimento, por isso disse:

Eu acho que eu tive porque é prática das escolas, porque quando eu terminei o magistério que eu comecei a trabalhar era uma coisa que já vinha, já tava, já era um currículo da escola, o Dia do Índio sempre entrou como uma data comemorativa, como o Dia das Mães, Dia dos Pais, então sempre foi aquele dia trabalhado.

Essas falas me fazem remeter às escolas que tem seus currículos organizados por datas comemorativas. As instituições se reduzem ao Dia do Índio para comemorar os povos indígenas, sem um estudo aprofundado da história e cultura desses povos. Concordo com as palavras de Bergamaschi (2010) quando afirma:

Os povos indígenas figuram no currículo escolar em poucas ocasiões: nas comemorações citadas, ligadas ao dia do índio; nas aulas de História do Brasil e do Rio Grande do Sul que abordam o período colonial e as reduções jesuíticas. Todas essas ações, somadas ao escandaloso silêncio, reforçam a ideia dos indígenas como povos do passado, negando-lhe a contemporaneidade e a própria historicidade (p. 158)

Mas o que pensam os indígenas sobre o Dia do Índio? Na entrevista²⁰ do intelectual indígena Daniel Munduruku²¹ concedida à revista Nova Escola, ele enfatiza que diria aos professores para não fazer o Dia do Índio, porque diz que esse índio que se pretende comemorar é uma invenção, que o conceito de índios que a gente leva pra escola, que continuamos reproduzindo é uma forma errada que generaliza a diversidade cultural. Segue explicando que seria interessante que as escolas fizessem a semana dos povos indígenas, o mês dos povos indígenas, e pudessem trazer a diversidade, não o índio fictício, mas um índio que é real. Evidencia ainda, que a única maneira da gente respeitar as populações indígenas é a gente conhecer, o que implica um estudo profundo da história e da cultura desses povos.

É evidente que em um dia do ano não daremos conta de toda a diversidade que podemos abordar em relação aos povos indígenas. Também precisamos começar a refletir sobre quais são os nossos objetivos em cada proposta, por

²⁰ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/entrevista-daniel-munduruku-parte-3-625108.shtml>>. Acesso em: 02 Jun. 2012.

²¹ Formado em Filosofia e Psicologia e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e pertencente ao povo Munduruku.

exemplo, quando as professoras mencionam que pintaram o desenho do índio que usava cocar e penas, penso que o objetivo da atividade é a pintura ou outra coisa qualquer, pois não tem nenhuma problematização ou informação relevante sobre a questão indígena. Pelo contrário, reforça a ideia do índio estereotipado e genérico que não condiz com a atualidade e diversidade dos povos originários.

A palavra índio muitas vezes é vista por nós como um conceito absoluto, porém tem uma história: “Esta denominação é o resultado de um mero erro náutico.” (BANIWA, 2006, p. 29) Cristóvão Colombo partiu da Espanha rumo à Índia, mas foi parar no continente americano, desta forma os habitantes encontrados aqui receberam o apelido genérico índios. Essa denominação dada aos primeiros habitantes emerge até hoje, por isso:

Para muitos brasileiros brancos, a denominação tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances. (BANIWA, 2006, p. 30)

Com os movimentos indígenas, perceberam que seria importante aceitar, manter e promover a denominação genérica que receberam, pois desta forma iriam viabilizar e fortalecer os povos ameríndios a uma marca identitária e de fronteira étnica (BANIWA, 2006) que foi “capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns.” (BANIWA, 2006, p. 31)

Por isso, quando se fala em Dia do Índio precisamos ter na memória que “este índio” está sendo representado por uma diversidade de povos indígenas, “culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual.” (BANIWA, 2006, p. 31)

3.2 Ausências e invisibilidades

Como já vimos, as professoras tiveram em sua escolarização atividades descontextualizadas e sem sentido, no que se refere à história e à cultura indígena, *e em suas formações acadêmicas tiveram alguma disciplina sobre a temática indígena?* Esta foi uma pergunta que fiz para as professoras e obtive as seguintes respostas.

A professora Bartira disse:

Eu já tive várias [disciplinas], mas abordando mesmo o indígena assim direto não.

Então perguntei se ela não tinha tido alguma disciplina de História do Brasil que abordasse alguma questão, daí ela respondeu:

Bem pouca coisa, lá no início do curso nos primeiros semestres... mas é aquilo, é uma retomada do que tu aprendeu lá no segundo grau, nada aprofundado.

A professora Jandira expressa:

[...] nós não tínhamos um cadeira de cultura indígena, por exemplo, mas quando nós trabalhamos as vivências históricas, daí ali se falou muito do indígena.

E afirma:

Lembro quando me formei no magistério a gente fazia aquelas pastas pras datas comemorativas, daí tinha lá um versinho do Dia do Índio.

A professora Iraci disse que não lhe foi ensinada sobre a questão indígena em sua formação acadêmica, e que:

Entrava sim como uma data comemorativa para ser trabalhada naquele dia, sempre foi trabalhado, nunca se passou nas escolas esse dia em branco, que não se falasse no assunto, mas não na questão assim, na abordagem como um povo indígena com seus costumes e seus direitos, e sim só trabalhava a questão naquele dia ser o Dia do Índio, e claro que, um pouquinho nessa história do que vinha nos livros, de que eles foram os primeiros povos.

A professora Tebereté assegura:

Não, não, especifica pra trabalhar a questão indígena não.

Pude constatar, pelas falas das professoras, que elas não tiveram uma formação acadêmica que abordasse a questão indígena de forma abrangente e aprofundada, considerando a diversidade de povos e línguas, afinal são “mais de

240 etnias que formam os povos indígenas no Brasil. São povos com cosmologias próprias, muitos deles com suas línguas originais – mais de 180 línguas indígenas em nosso país.” (BERGAMASCHI, 2010, p. 152) Fico me perguntando, por que esse apagamento? Por que esse descaso?

Há muitos anos as ideias estereotipadas, carregadas de preconceito e discriminação vêm se formando em nossa sociedade, através dos meios de comunicação de massa e das práticas escolares que ignoram e pouco valorizam a história e cultura indígena, privilegiando e valorizando principalmente as raízes européias.

Sabemos que somos formados por diferentes marcas étnicas, que o continente americano é mestiço, porém as marcas indígenas são camufladas, são encobertas pela pseudo branquitude e pela visão ocidental. Desconsideramos os povos indígenas da nossa origem. Porém, concordo que:

Todos, independentemente de suas ancestralidades, precisam ser educados em ambiências pedagógicas plurais, problematizando a hegemonia branca na escola. As ações pedagógicas devem se voltar para a valorização e conhecimento dos negros e dos povos indígenas. (GIL; ALMEIDA, 2012, p.86)

A Lei Federal 11.645/2008 que cria a obrigatoriedade do estudo da história e da Cultura Indígena nas Escolas de Ensino Básico, alterando o artigo 20 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, evidencia, em minha opinião, o grande descaso que a escola vem tendo em relação à cultura indígena. Neste caso foi preciso uma lei para afirmar a importância da aprendizagem em relação a essa cultura, mas ao mesmo tempo afirma a luta dos povos indígenas frente o seu reconhecimento.

Segundo a legislação citada, fica determinado que: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e ensino médio, públicos e privados, toma-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Esclarece a referida lei que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.” (BRASIL, Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008)

E o que os indígenas têm a nos dizer sobre a implementação da Lei 11.645/2008? O professor Guarani Vherá Poty falou que:

Primeiro os professores não-indígenas precisam ser sensibilizados para o tema. Contudo, só isso não basta. Em segundo lugar, os professores precisam conhecer de fato e profundamente a história e a cultura indígena. Mas, para ensinar a “verdadeira história” dos povos originários, os professores não indígenas têm que deixar o próprio indígena contar a sua história, ou seja, reconhecer que os diferentes povos ameríndios precisam elaborar e ensinar a sua história e a sua cultura aos não-indígenas. (Vherá Poty *apud* Bergamaschi, 2011, p. 297)

As palavras de Poty me fazem pensar que somente colocar a lei em vigor não adianta, precisamos reconhecer que temos muito que aprender sobre a história e cultura dos diversos povos ameríndios e para aprendermos de forma coerente precisamos deixar os próprios indígenas contarem a sua história, o que já fazem nas palestras, entrevistas e na nascente literatura indígena que surge atualmente no Brasil. Mas, para isso, devemos estar sensibilizados para com a temática indígena.

Segundo o intelectual indígena Gersem Baniwa o “professor não indígena tem hoje uma responsabilidade enorme para diminuir o preconceito e a discriminação contra os povos indígenas.²²” (BANIWA, 2008, p. 3) e diz:

Através da educação, as pessoas poderão compreender que os índios têm o direito de viver de acordo com suas culturas e tradições milenares, um direito já garantido pelas leis do País. Para isso, o educador precisa conhecer um pouco da história dos povos e culturas indígenas. O trabalho pode começar com atividades bem simples, como ajudar as crianças a superarem a visão estereotipada, presente no imaginário popular, que vê o índio apenas como aquele ser que anda nu, cheio de pena, no meio da floresta com arco e flecha na mão. (BANIWA, 2008, p. 3)

Contudo, precisamos problematizar a lei, pois esta ressalta a obrigatoriedade do Ensino Fundamental e Médio: e o Ensino Superior, onde fica nessa história? Afinal, é no Ensino Superior que os professores deveriam aprender e se indagar sobre os assuntos que terão que ensinar aos alunos. Evidente que em comparações de anos anteriores, a temática indígena está criando seu espaço na Universidade. Um exemplo disso é a disciplina eletiva da UFRGS intitulada *Povos Indígenas, Educação e Escola* ministrada pela prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi, que abre vagas desde 2010²³.

²² Entrevista realizada no ano de 2008, disponível em: <<http://www.editoradimensao.com.br/novosite/cms/downloads/1290614064.pdf>>. Acesso em: 02 Jun. 2012.

²³ Essa disciplina também é oferecida como Extensão, por meio do Programa de Educação Continuada – PEC Graduação, que possibilita a pessoas não vinculadas à Universidade, cursá-la.

Como anunciei, hoje já existe uma vasta bibliografia de literatura indígena, que se refere tanto à formação de professores, quanto às crianças, escrita por autores indígenas. Um exemplo é o intelectual Daniel Munduruku que tem mais de 42 livros publicados, e também autores não indígenas, como Marilda Castanha, autora do livro *“Pindorama: terra das palmeiras”*.

3.3 Ressignificação das práticas: o PIBID na escola

O programa PIBID- Pedagogia, como já mencionei no primeiro capítulo, teve participação ativa na escola em que realizei esta pesquisa. Desde 2010 um grupo de bolsistas atuou na instituição, principalmente utilizando o computador como ferramenta. No final do ano de 2010, quando comecei a atuar na escola, desenvolvemos o projeto sobre a temática indígena. Todos os alunos do Ensino Fundamental do turno da tarde foram contemplados por nossos trabalhos, inclusive, as turmas de duas professoras entrevistadas. Mesmo que a proposta fosse trabalhar o tema com os alunos, também envolvemos os professores da escola nas ações e reflexões, inclusive com uma palestra dirigida aos docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, para mostrar o que estávamos desenvolvendo com as crianças.

Acredito que o programa PIBID é um passo importante que a Universidade está tendo em relação à formação dos futuros professores, pois proporciona aos licenciandos a participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar; contribui para a valorização do magistério; promove a integração entre educação superior e educação básica; incentiva as escolas públicas de Educação Básica como instituições co-formadoras na formação inicial para o magistério; contribui para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes e também tem o intuito de socializar a produção de saber em torno das experiências de sala de aula realizadas e dos processos de inserção escolar. Além destes objetivos gerais do programa, cada sub projeto tem eixos específicos.

Como havia evidenciado, o PIBID Pedagogia tem como eixos: o processo de inclusão na escola contemporânea; a diversidade como foco de ações pedagógicas

(principalmente considerando a história e a cultura indígena); a alfabetização/letramento e a formação de professores pesquisadores de sua ação docente. Desta forma, acredito que a participação do PIBID na escola foi fundamental tanto para os alunos, quanto para os professores, pois fica evidente nas falas das professoras a significação atribuída ao PIBID, por exemplo, quando Iraci disse:

Essa temática com essa perspectiva de reflexão, da gente abordar a questão da cultura, dos direitos, do povo indígena, pra nós apareceu aqui na escola com o PIBID, com o trabalho de vocês [...].

E também quando Bartira afirmou:

Agora aqui na escola depois do que vocês trabalharam o ano passado daí eu comecei a abrir mais, não ficar só na questão do que a gente sabe do índio.

Inclusive Bartira disse:

Usei um pouquinho do trabalho de vocês.

Mostrando que havia usado o nosso trabalho como “modelo” para a sua prática. Acredito que as propostas que o grupo desenvolveu com os alunos servem de inspiração para as professoras, pois é através dessas trocas que os objetivos do PIBID se concretizam e as práticas vão se modificando.

Quando perguntei para a professora Jandira de que forma ela abordava a questão indígena, ela disse:

Eu não vou te dizer que eu não trabalhei da forma [ideias estereotipadas] que eu to te dizendo porque eu trabalhei, era essa, a gente tinha isso ai não tinha outra coisa, mas tu começa depois com o passar do tempo a dar uma repensada na tua prática, quando tu volta pra dentro de uma sala de aula ai sim que tu muda muita coisa que tu fazia antes, até pela conversa com outras pessoas, colegas e tal.

A docente estava me dizendo sobre a forma que a sua antiga professora trabalhava com ela, e a forma que ela foi ensinada na sua formação acadêmica evidenciando que já trabalhou com a questão do indígena da mesma forma em que

lhe foi ensinada, mas que depois de um tempo repensou as suas práticas e começou a ressignificá-la.

O PIBID também oportunizou as professoras a fazerem a disciplina eletiva *Povos Indígenas, Educação e Escola*²⁴ e o curso de extensão *PIBID Pedagogia: docência e diversidade étnico-racial*²⁵. Duas professoras entrevistadas participaram tanto da disciplina quanto do curso e mencionaram em suas falas. Tebereté disse, se referindo aos cursos realizados:

Eu fiz os dois, a cadeira eletiva e o outro que tinha aula sobre a temática indígena e outras com a afro... até a gente começou a refletir sobre a ação da gente, enquanto escola, enquanto trabalho, com a questão indígena foi a partir dali [...]

Com o intuito de socializar as práticas que fizemos na escola, começamos a organizar um caderno de atividades, que ainda está em fase de editoração, contendo um relato reflexivo das práticas pedagógicas que foram feitas nas duas escolas que o PIBID Pedagogia desenvolveu atividades voltadas para a temática indígena. Acredito que vai ser de grande significação para o estudo da história e cultura dos povos ameríndios a publicação desse caderno de atividades, pois várias professoras terão acesso podendo rever as suas práticas e qualificá-las com base nas que já fizemos.

3.4 Espaços da vida compartilhados com os indígenas

Os indígenas estão muito próximos de nós: será que a gente enxerga e se pergunta por que eles estão naquelas condições²⁶?

As professoras mencionaram que vêem os indígenas em outros espaços como parques, centro de Porto Alegre e na Universidade. A professora Bartira disse:

Quando eu vou no parque Redenção eu vejo eles lá... A gente sabe que eles estão lá

²⁴ Ministrada pela prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi no primeiro semestre do ano de 2011.

²⁵ Curso de Extensão organizado e desenvolvidos pelo PIBID Pedagogia na Faculdade de Educação/UFRGS nos dias 24 e 31 de outubro e 07, 21 e 28 de novembro de 2011.

²⁶ Refiro-me a terem que ocupar espaços da cidade para venderem o artesanato e passarem por dificuldades em relação à moradia e alimentação, especialmente aqui no Rio Grande do Sul e próximos de Porto Alegre, onde vivem em espaços exíguos, com pouca terra, o que os torna mais vulneráveis.

porque querem sobreviver, querem dinheiro, tanto no centro também a gente vê as índias com dois, três indiozinhos ali do lado e o artesanato que elas fazem [...].

A professora Tebereté fala em ter visto os indígenas na sua cidade Natal:

Lá na minha cidade tem uns indígenas que são lá de Guarita, lá pra cima, Nonoai, por lá, então eles andavam por lá [...].

Também lembrou que:

Lá em Santa Maria também quando eu estudei lá eles estavam lá, não era...então era um índio vestido como a gente, vendendo o artesanato dele.

A professora Jandira disse em ter visto os indígenas:

[...] Em São Luis quando eu vou...eu sempre vou nas missões assim, em São Miguel ali tu vê.

E que, conheceu uma indígena na Universidade:

Por acaso eu conheci uma menina que estava fazendo pós e o orientador dela era o mesmo meu do estágio... Ela é do Mato Grosso, ele que me disse que ela era índia.

Os indígenas estão em nossa sociedade, são nossos contemporâneos e convivemos com eles em vários locais públicos e privados, precisamos considerar que:

O índio de hoje preserva suas tradições, mas também é capaz de se adaptar a novas maneiras de viver: ele estuda, trabalha, faz faculdade, habita em aldeias, cidades, trabalha na roça, no comércio. Muitos são advogados, médicos, agrônomos, pedagogos, antropólogos etc. (Revista Dimensão *apud* Bergamaschi, 2010, p. 164)

Ao conviver com os povos indígenas em diversos lugares da cidade, alguns inclusive morando em comunidades e terras indígenas próximas ao centro de Porto Alegre²⁷, podemos perceber que não é só a cultura branca que se transforma. Acredito que a cultura indígena precisou se transformar desde quando a esquadra

²⁷ É importante registrar que em nossas atividades de estudo da História e Cultura Indígena na Faculdade de Educação, como já mencionei, tivemos oportunidade de visitar algumas aldeias indígenas: Kaingang do Morro do Osso (Porto Alegre, RS); Charrua e Guarani da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre, RS).

portuguesa chegou ao Brasil. Segundo as ideias vinculadas no vídeo:²⁸ Índios no Brasil, os portugueses falaram de uma boa nova e trataram todos os povos com o nome genérico índios, atuando de forma colonizadora e violenta mostrando desde o início a suposta superioridade e poder.

Ainda de acordo com o vídeo, nesse processo colonizador, os indígenas foram perdendo gradativamente o direito as suas terras e a liberdade aos seus modos de vida. Foram submetidos a violência e opressão em nome do chamado desenvolvimento nacional. Desde o princípio eles foram considerados entraves para o desenvolvimento do Brasil. Assim, os relatos históricos mostram que em muitas situações receberam presentes e roupas infectas de vírus e epidemias, mataram vários indígenas para construir rodovias. Uma das estratégias eleitorais utilizada junto a uma sociedade indígena foi a de oferecer laqueadura às mulheres indígenas para controlarem o número de filhos, mas o que ocorreu na verdade foi crime de genocídio com a esterilização sistemática da maioria das mulheres Pataxó da Bahia.

Depois de diversas lutas dos povos indígenas organizados, em 1988 eles participaram ativamente na elaboração da constituição do Estado Brasileiro, que assegura a eles o direito de viver de acordo com as suas culturas, seus costumes e crenças. A atual Carta Constitucional do Estado brasileiro é um marco na luta dos povos indígenas, pois tem nela registrado direitos à terra, à educação, à saúde e, principalmente o direito a sua história e modos de viver tradicionais.

Então, podemos dizer que os indígenas já conquistaram vários direitos (alguns, por enquanto, apenas na lei, no papel) que lhes foram tirados durante a história. Ainda vemos que muitas áreas que eles ocupam não oferecem condições para a sobrevivência, por isso, os indígenas de hoje ocupam as ruas da cidade de Porto Alegre e outras cidades do estado para a venda de seus artesanatos. Também estão na Universidade, em vários cursos de graduação, para aprenderem mais e voltarem a suas aldeias, podendo ajudar seu povo. Porém, não podemos generalizar, pois cada situação é diferente uma da outra e a diversidade dentro dos próprios povos indígenas é imensa, visto que: “os povos indígenas são grupos étnicos diversos e diversificados, da mesma forma que os povos europeus [...] são diferentes entre si.” (BANIWA, 2006, p. 40 - 41).

²⁸ Vídeo: *Índios do Brasil*, produção Brigitte Schulte-Walter. VERBO FILMES – São Paulo, 2001.

3.5 Lembranças: imagens evocadas a partir da temática indígena

Fica evidente que as professoras não têm em suas memórias atuais imagens estereotipadas em relação aos ameríndios, pois quando perguntei: *Ao falar a palavra índio, povos indígenas, temática indígena, que imagens são evocadas em sua memória?* Elas evocaram imagens de indígenas atuais que revelam a compreensão da diversidade e da contemporaneidade: são imagens de indígenas que se vestem como a gente, que estudam, trabalham, que tem seus direitos, etc.

A professora Bartira afirmou:

Eu sei pra mim que o índio não vive só de caça e pesca, que os índios usam aquelas roupas só quando tem rituais deles, que trabalham, estudam, e a gente vê na televisão índios indo lá em assembléias [...].

A professora Iraci evidenciou:

Agora quando eu penso em... e quando escuto ou quando ouço falar só a palavra índio, pra mim, é um povo que ta em busca de seus direitos, que foram tirados, na verdade não em busca de direitos é um resgate naquilo que eles já tiveram que foi tirado e que eles buscam através dos meios que podem lutar [...].

A professora Tebereté mencionou:

[...] eles tem a sua história, sua cultura, mas são pessoas como nós, talvez um pouco mais sofridas, por uma questão assim que... pela desvalorização histórica deles[...]

Achei interessante que a professora Jandira tem em sua memória, ao escutar a falava índio a imagem que foi passada em sua infância, e como vimos, há uma predominância da imagem estereotipada, de um passado idealizado, isto é, um índio seminu, com penas na cabeça. Ela disse:

Quando eu falo em índio me vem àquela imagem que me foi passada na infância... Povos indígenas me vêm aquela do branco, do extermínio sabe? Nós tínhamos tanto... os Gs aqui, que agora não existe mais, Pampeados os Charruas, claro tem algum povo que desmembrou daí, os Kaingang os Guarani a gente ainda tem por aqui, mas eu penso que

poderia ter uma diversidade bem maior se não fosse a nossa ação.

A professora Jandira se refere em sua fala aos diversos povos que existiam aqui no Rio Grande do Sul, mas que foram exterminados, com ações violentas, como aquelas que mencionei²⁹. Com certeza, se não fossem as estratégias colonizadoras de eliminação dos ameríndios teríamos uma diversidade bem maior. Porém, é importante frisar, que ainda temos diversas etnias, inclusive os Charruas, que muita gente acha que nem existe mais. Mas existem, e posso garantir que é um povo de muita garra e força, pelo que eu percebi quando fui visitá-los³⁰.

Essas imagens que vem à tona nas memórias das professoras acredito que foram sendo reconstruídas ao longo de um período de tempo, pois como vimos, em sua escolarização as ideias de indígenas que lhe foram passadas eram desconfiguradas. Depois, em suas formações acadêmicas, não tiveram disciplinas que abordassem os povos indígenas de forma abrangente, com suas especificidades. Porém, com as formações continuadas, com a participação do PIBID na escola e com seus próprios interesses, conversas com outras colegas, começaram a pensar sobre a temática indígena de outra forma, tendo um olhar mais apurado e atento à história e à cultura dos povos ameríndios.

As professoras tiveram vivências e aprendizagens ao longo da vida que produziram marcas, produziram memórias, que foram se modificando, mas que configuraram a sua existência, seus modos de ser e atuar. Visto que, as memórias são lembranças que podem ser ressignificadas com base nas nossas atuais percepções, e também são esquecimentos, pois “não há como atingir a totalidade daquilo que foi vivido no passado.” (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012, p. 11)

²⁹ Ver 4.4 Espaços de vida compartilhados com os indígenas.

³⁰ Visitei os Charrua juntamente com a turma da disciplina: *Povos Indígenas, Educação e Escola*, no dia 21 de Maio de 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho que elaborei para a conclusão de curso, posso dizer que me sinto ainda mais partícipe da História, pois sei o quanto as minhas vivências e narrativas são importantes na constituição do meu ser individual e também da formação coletiva. Percebo a cada instante que estou em um processo de constante aprendizado.

Ao evocar as minhas memórias, refleti sobre quanto foi, e está sendo importante, o encontro que tive com a temática indígena, pois foi através desse encontro, que me modifiquei, aprendi, me indaguei, tive outros olhares e me questioneei sobre as relações humanas e culturais.

Estamos em uma nova era, e às vezes nem nos damos conta disso, precisamos com urgência mudar. Quando vamos começar a pensar que “pigmeus, negros, amarelos, índios, brancos vêm da mesma espécie, possuem os mesmos caracteres fundamentais de humanidade”? (MORIN, 2011, p. 57)

Os indígenas e negros ainda sofrem discriminações das mais variadas formas, discriminações que como educadores não podemos tolerar, e achar que tudo vai estar resolvido. Precisamos conhecer aquele que achamos ser diferente, para respeitá-lo, e também podemos e precisamos aprender com eles e com sua cultura, visto que: “são povos que representam culturas, línguas, conhecimentos e crenças únicas, e sua contribuição ao patrimônio mundial – na arte, na música, nas tecnologias, nas medicinas e em outras riquezas culturais – é incalculável.” (BANIWA, 2006, p. 47). Também temos que considerar que para outros grupos culturais, nós somos os diferentes.

A interação com o outro nos faz ver os padrões culturais deles, mas nos faz pensar e compreender nossos próprios padrões culturais, nossas próprias ações (FLEURI, 2009). Como podemos pensar que nossa cultura é evoluída? Acredito que nossa cultura está longe de ser evoluída e tenho certeza de que os indígenas têm muito a nos ensinar. “As culturas devem aprender umas com as outras, e a orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como cultura-mestra, deve-se tornar também uma cultura aprendiz.” (MORIN, 2011, p. 89)

Nesse trabalho ficou evidente que as professoras entrevistadas, atualmente, pensam sobre a história e a cultura indígena de uma forma diferente das suas antigas professoras. Hoje, já constituem memórias que consideram os povos ameríndios inseridos na sociedade contemporânea e que têm suas singularidades.

Mas fico pensando nas quantas professoras que estão atuando em escolas e que ainda têm ideias distorcidas acerca dos indígenas. Chegou o momento em que precisamos fazer algo para mudar as memórias – e as práticas – das professoras sobre a temática indígena. Além de desconstruir o estereótipo precisamos levar em consideração o quanto a cultura indígena pode nos ensinar. Devemos “valorizar as diferenças culturais como um elemento enriquecedor de trocas interculturais no espaço da escola e na sociedade.” (SILVA, 2003, p. 36)

No entanto, fico contente em ver os movimentos que se tem feito para a valorização da cultura indígena, mas mais do que isso, acredito que chegou a hora de fazermos trocas, de interações das culturas, para que umas aprendam com as outras e possam se desenvolver e se transformar para o melhor. Assim, poderemos dizer que estamos no caminho da educação intercultural.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. Memória, narrativa e pesquisa autobiográfica. In: **História da educação**. n. 14. Pelotas: Editora da UFPel – Semestral, 2003.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Iniciação à docência em Pedagogia. Memória que contam histórias**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural: narrativas e experiências educativas de uma Escola Normal Rural Pública (1950 – 1960)**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2007.
- AMPUDIA, Ricardo. O que (não) fazer no Dia do Índio. **Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/nao-fazer-dia-indio-cultura-indigena-624334.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2012.
- BANIWA, Gersem Luciano dos Santos. Da aldeia para a universidade. **Dimensão**, maio/jun, 2008. Disponível em: <<http://www.editoradimensao.com.br/novosite/cms/downloads/1290614064.pdf>>. Acesso em: 02 Jun. 2012.
- BANIWA, Gersem Luciano dos Santos. Os índios no Brasil quem são e quantos são. In: BANIWA, Gersem Luciano dos Santos **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, 2006.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. A temática indígena no Ensino de História: possibilidades para diálogos interculturais? In: FONSECA, Selva Guimarães; GATTI JR. Décio (org.) **Perspectivas do Ensino de História: Ensino, Cidadania e Consciência Histórica**. Uberlândia: Edufu, 2011.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. **Educação Ameríndia: a dança e a escola guarani**. Santa Cruz Do Sul, RS: EDUNISC, 2009.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Povos indígenas e ensino de História: a lei nº 11.645/2008 como caminho para a interculturalidade. In: BAROSSO, Véra Lucia Maciel; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; Gedoz, SIRLEI Teresinha; PADRÓS, Enrique Serra. **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST, 2010.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL, **Lei nº. 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 02 de Jun. 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios epistemológicos e mediações interculturais nas relações interétnicas**. 32ª Reunião Anual Anped – Sessão Especial, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**, 50ª Ed.. São Paulo: Global, 2000.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. Erechim: Edelbra, 2012.

GOFF, Jaques Le. **Memória**. In: GOFF, Jaques Le; tradução Bernardo Leitão. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GOLEMBIEWSKI, Gabriela Passuelo. Caderno de registros. Porto Alegre, 2010 e 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 8ª Ed.. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed.rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MUNDURUKU, Daniel. Entrevista. **Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/entrevista-daniel-munduruku-parte-3-625108.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

PETERSEN, Ana Maria de Barros; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SANTOS, Simone Valdete. O Dia do Índio: ações e reflexões interculturais na formação de professores. In: **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, Gilberto Ferreira. **Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação**. In: Fleuri, Reinaldo Matias. Educação Intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro. 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Roteiro utilizado nas entrevistas-diálogos:

- 1- Nome
- 2- e-mail
- 3- Idade
- 4- Ano de formação
- 5- Curso
- 6- Há quantos anos atua na prática docente?
- 7- Trabalha em quantos turnos?
- 8- O que lembrás sobre a temática indígena na sua vida escolar (Creche, Ensino Fundamental e Médio)?
- 9- De que forma esta temática era proposta?
- 10- E na sua formação acadêmica? Teve alguma disciplina sobre a temática indígena?
- 11- Participou de alguma formação continuada?
- 12- E em suas práticas pedagógicas (mini práticas, estágios, atuação como professora) como abordou essa temática? Em que momento?
- 13- Lembra-se de outra situação que propiciou o encontro e a aprendizagem sobre a temática indígena?
- 14- Ao falar a palavra índio, povos indígenas, temática indígena, que imagens são evocadas em sua memória?

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: Memórias de professoras sobre a temática indígena

Pesquisadora Responsável: Gabriela Golembiewski Passuelo

Orientadora da pesquisa: Professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

Contatos: Diretamente com a professora na Faculdade de Educação da UFRGS.

Objetivos Gerais:

- Investigar como a temática indígena aparece nas lembranças das professoras.
- Verificar como a temática indígena se articula nas práticas docentes.

Objetivos específicos:

- Averiguar se as professoras receberam algum tipo de formação, bem como os contatos que tiveram a respeito da temática indígena, na sua trajetória de formação inicial e/ou continuada.
- Verificar se as professoras trabalham com a temática indígena e como realizam estas práticas.
- Analisar como se relacionam as práticas desenvolvidas das professoras com as aprendizagens que constituem as lembranças sobre a temática indígena.

Procedimentos de pesquisa:

Entrevistas-diálogos. Se houver consentimento as entrevistas-diálogos serão registradas por meio de gravação, depois de transcritos, lidos e revisados pelas concedentes da pesquisa comporão dados analisados e possivelmente publicados, preservando o sigilo das pessoas que concederam as informações. A participação não acarreta em riscos à dignidade e à liberdade das pessoas, sendo que terão acesso à produção de pesquisa, recebendo cópia de tudo o que for produzido e ou publicado, podendo fazer uso das mesmas para compreender e potencializar os processos didático-pedagógicos. Após o uso destes materiais e assegurado um período de guarda formal, os dados serão descartados e ou devolvidos para os professores que concederam as entrevistas-diálogos.

Consentimento

Autorizo o estudo acima descrito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Tive acesso ao roteiro da entrevista e também tive a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones e endereço para entrar em contato, caso tenha dúvidas ou queira desistir, a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Recebi uma cópia deste documento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura da responsável pela pesquisa _____

Porto Alegre ____ de _____ de 2012.

ANEXO B:

**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008³¹.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad

³¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 02 de Jun. 2012.